

GERAL

ÍNDIOS

A caminho do Jaraguá, uma aldeia resiste

Fotos Evelson de Freitas/AE

Em São Paulo, uma das reservas mais precárias do País abriga 43 famílias guaranis

KATIA AZEVEDO

Jandira Augusta Venício, ou Kerexu, de 68 anos, nos recebe com as mãos sujas de corante vermelho. “Estava tingindo penas”, justifica. A plumagem colorida, juntamente com sementes e tiras de imbirã, são utilizadas na confecção de colares, arcos e cocares. E esse artesanato é a única fonte de renda do povo chefiado pela anciã. Jandira é uma cacique – única mulher do Brasil a exercer o cargo –, e como tal detém a autoridade máxima dentro da aldeia Guarani do Jaraguá Itu, uma das reservas indígenas mais precárias do País.

A área de 17 mil metros quadrados, fica às margens da rodovia Anhangüera, e é dividida em duas partes pela estrada que dá acesso ao Pico do Jaraguá, na zona oeste da capital. Os índios foram chegando há mais de meio século e hoje são 43 famílias, ou 160 pessoas, incluindo mais de 50 crianças, que vivem em barracos ou pequenas casas de alvenaria, e convivem com fome, frio, doenças, desemprego e falta de perspectivas.

O terreno, que já abrigou uma mina de ouro, na época da colonização, é pedregoso e dificulta a agricultura; as espécies destinadas à caça são quase inexistentes; e o único rio está poluído e quase não dá peixe. A água que antes vinha das bicas, agora é fornecida pela Sabesp. Os índios também contam com luz elétrica, mas os eletrodomésticos são raridade. A comida geralmente é feita em fogão de lenha, pois a maioria não tem dinheiro para comprar gás. Geladeira é outro artigo quase inútil, pois não há alimentos para conservar.

Desnutrição – A consequência mais grave da escassez é a desnutrição que atinge 80% dos pequenos guaranis, indiozinhos franzinos que não aparentam a idade que têm. É o caso de Nick Macena, 1 ano e 4 meses e apenas 7 quilos. “Esse é o peso de uma criança de 6 meses”, diz a funcionária da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), que atende aos moradores num consultório instalado num barraco. “Minha frustração é não conseguir recuperar essas crianças”, diz. Não adianta dar orientação sobre alimentos adequados, se as pessoas não têm como comprá-los.

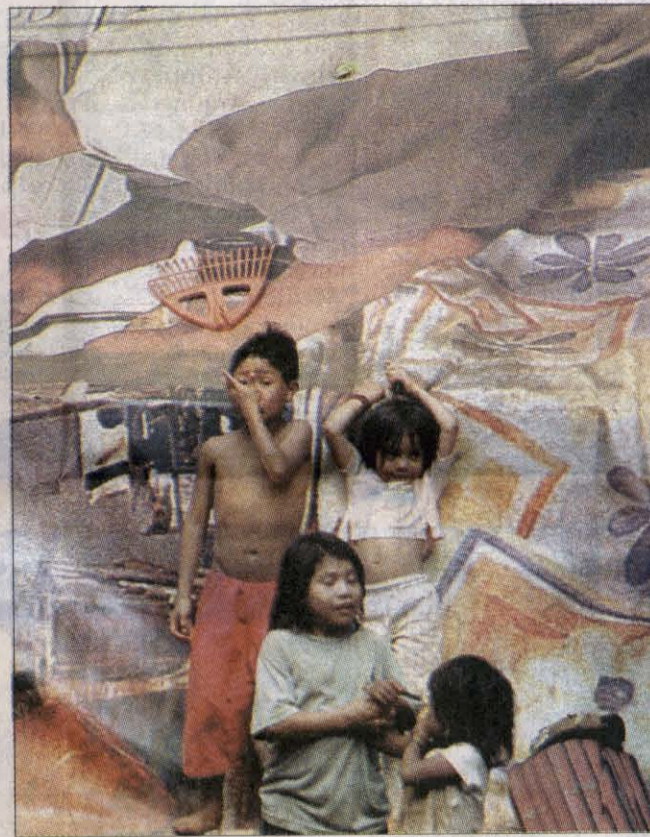
A triste condição desses índios chamou a atenção do sertanista Orlando Villas Boas, mor-



Cacique Jandira, que chefia reserva no Pico do Jaraguá: artesanato é a única fonte de renda da comunidade



O pajé José Fernandes aprendeu a tocar violino sozinho



Crianças vivem em condições precárias: faltam recursos

to na quinta-feira. “É inaceitável que esse indígena subsistam em meio a tanta miséria”, argumentou, em carta enviada em 1998 ao Governo Federal, solicitando providências. Entre outras coisas, Villas Boas propôs que a aldeia fosse transformada num ponto turístico, e que a renda fosse toda revertida para os moradores. Com ba-

se em estudo de alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), o indigenista argumentou ainda que seriam necessários apenas R\$ 20 mil para construir ranchos para todas as famílias.

O sertanista era bem conhecido pelos moradores da aldeia do Jaraguá. Todos os anos ele

estava lá, sempre no dia 25 de janeiro, quando ocorre a cerimônia de consagração das ervas utilizadas pelo pajé nos rituais de cura. “Era um homem sempre disposto a ajudar. Vai fazer muita falta”, diz Moacir Augusto Martins, de 45 anos, filho da cacique Jandira.

Assim como Villas Boas, Martins também acredita que o

índio só sobrevive dentro da própria cultura. Por isso está empenhado em fazer com que as tradições de seu povo não morram. No ano que vem, ele deve concluir o curso de Formação de Professor Indígena da Universidade de São Paulo (USP), passando a dar aulas na escola estadual que funciona dentro da aldeia. “É muito im-

portante que as crianças não esqueçam a língua guarani”, diz.

Martins é casado com Maria Helena Vilar, de 40 anos. Ela o conheceu na Praça da Sé, onde o guarani vendia garrafas. “Era uma época boa. Dava para ganhar muito dinheiro”, relembra. Vinte anos de casamento e seis filhos depois, Maria Helena reclama das mudanças. “Está muito difícil, a venda de artesanato é fraca. Já chegamos a passar até fome”, diz. “Quando solteira eu morava com uma prima no Paraíso. Costumo dizer que Martins me tirou do Paraíso e me trouxe para o inferno.”

Liberdade – A frase é dita em tom de brincadeira. Apesar dos problemas, Maria Helena gosta da aldeia. “Aqui vivemos em liberdade.” Outro motivo de alegria é a casa nova, conquistada graças a um acordo fechado entre a Fundação de Amparo ao Índio (Funai) e o Governo Estadual. Para compensar a destruição parcial de uma outra aldeia, em Itanhaém, no litoral sul, a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) comprometeu-se a construir 30 moradias para os índios do Jaraguá.

Por enquanto, apenas cinco casas ficaram prontas e uma delas pertence à família de Martins. “Só posso me mudar depois da inauguração. Não vejo a hora”, diz Maria Helena, observando o único cômodo de alvenaria, equipado com cozinha e banheiro.

Gilcemar Pio, de 18 anos, tem mais sorte. Seu pai, Fausto Pio, é o dono da melhor casa da aldeia, construída por ele mesmo, com tijolos e cimento. Típico adolescente, Gilcemar usa piercing e é craque em hip hop. Sua habilidade na dança acrobática é admirável, mas sua admiração pela cultura de rua americana não afeta o apego à própria origem. “Tenho muito orgulho de meu povo, e faço questão de seguir os ritos de minha aldeia”.

Esse ritos incluem o encontro diário, sempre ao final da tarde, com o pajé José Fernandes Soares, de 63 anos. Gurapepó, como é mais conhecido, é o grande líder espiritual da aldeia. Dá conselhos, corrige os erros e faz curas por meio de ervas e rezas. “Sou inspirado por Tupã.” O Pajé garante que conversa todos os dias com o deus indígena, que lhe inspira sabedoria espiritual e também outras habilidades como a música. “Aprendi a tocar sozinho”, diz, enquanto entoava uma canção ao violino. A Aldeia Guarani do Jaraguá Itu fica na Estrada Turística do Jaraguá, 3.680.